

É evidente confissão do crime

— segundo Edson Macuácuá, da Frelimo

O SECRETÁRIO do Comité Central do partido Frelimo para a Mobilização e Propaganda, Edson Macuácuá, disse ontem que o facto de o ex-general sul-africano, Tlenie Groenewald, ter recuado, não assumindo o seu pronunciamento inicial, é uma flagrante e evidente confissão formal de autoria do crime pelo regime do "apartheid".

Macuácuá afirmou, entretanto, que o partido Frelimo considera absolutamente falsa a notícia publicada pelo jornal sul-africano "Sunday World", sobre o alegado envolvimento do Presidente da República, Joaquim Chissano, na morte de Samora Machel, ocorrida na sequência do acidente aéreo de Mbuzini a 19 de Outubro de 1986.

Edson Macuácuá, qualificou a notícia de "tentativa de lançar poeira nos olhos dos cidadãos, com intenção de branquear os factos e inocentar os culpados" pela morte de Samora Machel.

Macuácuá afirmou que o regime do "apartheid" concebeu, programou e executou a morte de Samora Machel.

Disse que os mentores da referida notícia têm "objectivos políticos inconfessáveis" e são movidos por "um espírito de má-fé", ao pretenderem, maquiavelicamente, deturpar os factos.

"É necessário que fique claro que o Presidente Chissano, na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros na altura, não tinha nenhum contacto com qualquer que fosse representante do regime do "apartheid", disse Edson Macuácuá,

para depois acrescentar que o Presidente Chissano, na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros estava interdito de fazer qualquer contacto com o regime do "apartheid", em cumprimento de uma decisão tomada pelo partido e pelo Estado, pois o nosso Estado não reconhecia o regime sul-africano e por conseguinte não tinha relações diplomáticas com o "apartheid".

"Foi por isso que mesmo nas negociações do Acordo de N'Komati, o Presidente Chissano não participou, foram destacados outros camaradas", afirmou.

Segundo o secretário para a Mobilização e Propaganda do Comité Central do partido Frelimo, "Pik" Botha, o então ministro dos Negócios Estrangeiros do regime do "apartheid", depois de visitar o local do despenhamento do avião que transportava Samora Machel e sua comitiva precipitou-se sobre os destroços do aparelho e os restos mortais das vítimas e saiu do local brandindo documentos totalmente falsos, forjados e inexistentes, sob alegação de que eram prova do envol-

vimento de Samora Machel numa alegada conspiração contra o então Presidente mala-wiano, Hastings Kamuzu Banda, informação, entretanto, prontamente desmentida por Teodato Hunguana, então ministro da Informação.



Edson Macuácuá,
do partido Frelimo

"Estamos perante uma tentativa descarada de desestabilizar o nosso país, atribuindo à Frelimo a culpabilidade e a responsabilidade por um crime totalmente planificado e executado pelo regime do "apartheid". É uma tática que não é nova, já foi ensaiada em 1986", disse.

Recordou que o nível de tecnologia usada para derrubar o avião era tão avançado que só podia pertencer aos círculos da aristocracia do "apartheid", pois Moçambique não dispõe das mesmas.

Edson Macuácuá recordou ainda que quando o incidente ocorreu, foi aberto um inquérito pelas autoridades sul-africanas, uma vez que o mesmo se tinha dado em território da RAS, e da ex-URSS, uma vez que o avião era de fabrico soviético. Tal inquérito, segundo a fonte, foi encerrado unilateralmente, sem prévio consentimento de Moçambique, tendo o Presidente Chissano defendido a sua continuidade até ao apuramento dos autores individuais que dentro do regime do "apartheid" planificaram e executaram directamente o crime.